

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU**  
**EM PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL NA ESCOLA**

Andréia Santana da Costa

**TRABALHANDO COM LITERATURA INFANTIL: CAMINHOS**  
**POSSÍVEIS PARA UMA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

BELO HORIZONTE 2016

**Andréia Santana da Costa**

**TRABALHANDO COM LITERATURA INFANTIL:  
CAMINHOS POSSÍVEIS PARA UMA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Patrícia Maria de Souza Santana

**Andréia Santana da Costa**

**TRABALHANDO COM LITERATURA INFANTIL:  
CAMINHOS POSSÍVEIS PARA UMA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, pelo Curso de Especialização em Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Patrícia Maria de Souza Santana

Aprovado em 09 de abril de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Nome orientador – Faculdade de Educação da UFMG

---

Nome do Convidado – Instituição a que pertence

## **AGRADECIMENTO**

Agradeço primeiramente a Deus, pela força e perseverança de chegar até o fim.

Agradeço também ao meu marido e meus filhos pela paciência e carinho.

Estendo os agradecimentos a toda equipe da educação infantil da Escola Municipal Walter Fausto do Amaral, em especial à professora Lígia, pelo apoio constante e sem medidas.

Aos amigos que envolvi, tomando o seu tempo e sua disponibilidade.

## RESUMO

O objetivo deste estudo é analisar e questionar o papel da literatura infantil na relação entre a teoria e a prática na construção da identidade da criança negra no contexto escolar. Em contraponto a crença de que a discriminação e o preconceito não estão inseridos na educação infantil e que neste ambiente não há segregação, nem há material literário que o incentive, este trabalho se torna desafiador e objetiva traçar linhas argumentativas que provoquem mudanças nas práticas pedagógicas da educação infantil na utilização da literatura infantil como formadora das identidades sociais e culturais das crianças, especificamente as negras, nessa fase escolar. O combate ao preconceito está além da agenda política, pois se insere no nível das consciências sociais. A questão étnico-racial é contemplada pela constituição cidadã e aponta para uma luta contínua no combate à desigualdade racial e uma nova agenda na construção da identidade social afirmativa do negro brasileiro. No primeiro tempo da formação escolar da criança na educação infantil a vulnerabilidade é acentuada pela fragilidade da experiência humana em sua cosmovisão de mundo. O que fazer para um despertar das consciências infantis e transformação desta realidade? O que se espera nesta fase da educação infantil para que as crianças percebam, compreendam e valorizem suas diferenças afirmativamente como seu pertencimento racial e construam sua identidade positivamente? Essas questões serão esclarecidas apoiadas no marco legal e no referencial teórico em intercessão com a prática.

**Palavras-chave:** identidade étnico-raciais, relações étnico-raciais, literatura afro-brasileira, educação infantil.

## ABSTRACT

The aim of this study is to analyze and to inquire the role of children's literature on the relationship between theory and practice in the construction of the black child identity in the school context. In contrast to the belief that discrimination and prejudice are not included in childhood education and that in education environment there is neither segregation nor literary material that motivate it, this work aims to construct arguments that motivate changes in pedagogical practice of childhood education in use of children's literature as an instrument of construction of social and cultural identity of the children, specifically black ones in this school stage. The engagement against prejudice is beyond political commitment, because it is inserted at social awareness level. The ethnic-racial issue is inserted in the constitution and points to a continuous struggle to combat racial inequality and a new engagement in the construction of social identity of Brazilian black people. In the first times of the child's school education, vulnerability is remarkable by the fragility of human experience in its cosmos worldview. What to do for improve child awareness to change such reality? What is expected at this stage of childhood education due to children perceive, understand and value theirs differences as theirs racial belonging and build their identity positively? These issues will be clarified supported by legal and theoretical framework in relationship with practice.

**Keywords:** Ethnic and racial identity, ethnic-racial relations, African-Brazilian literature, children's education.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2. UMA CAMINHADA EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>3. APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA .....</b>	<b>11</b>
<b>4. REFLEXÕES NECESSÁRIAS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL .....</b>	<b>14</b>
4.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LEGISLAÇÃO .....	15
4.2 NA EDUCAÇÃO INFANTIL, EXISTEM POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A IGUALDADE RACIAL?.....	16
4.3 CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA .....	17
<b>5. DESCREVENDO A PRÁTICA .....</b>	<b>20</b>
5.1 DETALHANDO E ANALISANDO A PRÁTICA.....	24
5.1.1 Atividade 1 – A participação da família no projeto “Ser diferente é normal”. .....	24
5.1.2 Atividade 2: Leitura do livro Princesas Negras.....	25
5.1.3 Atividade 3 – Confeccionando as princesas .....	27
5.1.4 Mostra cultural .....	28
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>29</b>
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>32</b>
<b>8. ANEXOS .....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO A - Poema .....</b>	<b>35</b>
<b>ANEXO B – Paineis .....</b>	<b>36</b>
<b>ANEXO C – Caderno do Projeto: Ser diferente é normal .....</b>	<b>37</b>
<b>ANEXO D – As princesas .....</b>	<b>40</b>
<b>ANEXO E- Mostra Cultural.....</b>	<b>41</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Comemora-se, no dia 20 de novembro, o "Dia Nacional da Consciência Negra". Nessa data, em 1695, foi assassinado Zumbi, um dos últimos líderes do Quilombo dos Palmares. A escolha do dia 20 de novembro foi muito mais do que uma simples oposição ao dia 13 de maio (abolição da escravatura). Os movimentos sociais escolheram essa data para mostrar o quanto o país está marcado por diferenças e discriminações raciais. Foi também uma luta pela visibilidade do problema. Isso não é pouca coisa, pois o tema do racismo sempre foi negado, dentro e fora do Brasil. Como se não existisse.

Diante da relevância desses marcos históricos, percebe-se que há uma insuficiência prática e teórica quanto à abordagem da temática contextualizada para crianças e adolescentes é restrita ao âmbito escolar. Essa insuficiência pode ser justificada pela falta de preparo do professor, assim como pelo currículo escolar não apresentar o foco e as diretrizes de trabalho, como também por muitos outros motivos.

Faz-se necessária a lembrança desse tema durante todo o ano letivo e não somente nas datas representativas, uma vez que pela Lei 10.639<sup>1</sup> toda instituição de ensino fundamental e médio, pública e particular, deve incluir o assunto cultura negra no currículo. Mediante esse contexto, vê-se que a obrigatoriedade dessa inclusão nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação dos educadores.

Com essa medida, reconhece-se que, além de garantir vagas para negros nos bancos escolares, é preciso valorizar devidamente a história e a cultura desse povo, buscando reparar prejuízos que se repetem há cinco séculos, à sua identidade e a seus direitos.

No viés funcional, as ações dos educadores é que irão ilustrar a norma, fazendo com que a Lei 10.639/03 se confirme como instrumento teórico de inclusão e instigue ações assertivas e afirmativas, como ação concreta de educadores na produção de nova consciência e combate ao racismo a partir das nossas práticas pedagógicas.

Dentro dessa perspectiva, a exposição de uma prática pedagógica evidenciará fatores relevantes e menos relevantes no processo que envolve os profissionais que atuam

---

<sup>1</sup> Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira'.

na educação Infantil, as respectivas crianças e suas famílias; as quais participarão do projeto *Ser Diferente é normal*.

Nessa perspectiva, intencionou-se a partir de uma proposta de trabalho que utiliza a literatura africana e afro-brasileira na Educação Infantil, promover a leitura e discussões que possibilitassem à criança o conhecimento sobre a mitologia africana, suas culturas, epistemologias, para assim se apropriassem do universo simbólico do continente africano de forma que pudessem construir uma visão de identidade negra mais positiva.

## **2. UMA CAMINHADA EM CONSTANTE TRANSFORMAÇÃO**

Trabalho com o ensino infantil nas séries iniciais há duas décadas. Iniciei carreira na educação, no ano de 1996, em uma escola particular e mais tarde ingressei na prefeitura de Ribeirão das Neves. Optei por atuar como regente de aulas de educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental em escolas desse município, função que exerci até o mês de julho de 2013. Nessa mesma época, fui nomeada para trabalhar em Belo Horizonte exercendo a mesma função.

A busca por aperfeiçoamento levou-me a ingressar, no ano de 2002, no curso de Pedagogia do Centro Universitário de Belo Horizonte, concluído em 2006. No ano de 2009, fui nomeada na Prefeitura de Contagem para regência na educação infantil e optei por trabalhar na Escola Municipal Walter Fausto do Amaral, na qual permaneço até a presente data.

No ano de 2010, ministrei aulas para as crianças de cinco anos e percebi que essa turma exigia um trabalho mais voltado para o fortalecimento da sua identidade. Logo no início, constatei que o desafio seria grande considerando as peculiaridades daquela turma acrescidas das questões étnico-raciais.

Entre os meus pares começamos a discutir as questões da identidade. Daí surgiu o início do projeto que abordaria as questões afrodescendentes com o suporte da literatura infantil. Tivemos uma aliada do terceiro ciclo muito engajada e sensível a essa problemática. Decidimos então, focar o pertencimento racial de cada uma das crianças e promover uma interação durante a feira cultural da escola. O final do projeto culminou no dia 20 de novembro de 2010.

O resultado do projeto foi satisfatório e serviu de grande estímulo. Percebi então a necessidade de investimento teórico nas minhas práticas pedagógicas. Sempre que era possível, participava de cursos de aperfeiçoamento e capacitação na área da educação, cujo enfoque abrangia alfabetização e questões étnico-raciais. E nesse contexto favorável, o Curso de Especialização de Políticas de Promoção da Igualdade Racial na Escola – o EPPIR (Faculdade de Educação da UFMG) - surgiu num momento oportuno, possibilitando um reforço para minha formação profissional.

A relevância do estudo de temas decorrentes da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana não se restringe à população negra, mas diz respeito a todos os brasileiros, uma vez que devem educar-se enquanto cidadãos atuantes no seio de uma sociedade multicultural e pluriétnica, capazes de construir uma nação democrática.

Portanto, ao longo destes anos como professora da educação básica, tenho desenvolvido projetos relacionados às questões étnico-raciais, já que são notórios os “pré-conceitos” “estabelecidos”. Dessa forma, as ações afirmativas nas escolas são necessárias para fortalecer a identidade social de cada sujeito/indivíduo e também a desconstrução de estereótipos nas consciências das crianças, utilizando práticas pedagógicas que atentem para a realidade marcada por desigualdades e discriminação racial.

Finalizando o Curso de Especialização UNIAFRO: Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola (EPPIR), concluí que o início desta trajetória tem sido difícil, porém gratificante, pois tive a oportunidade de rever metodologias à luz de pesquisas sobre o tema.

Em 2013, minha prática pedagógica com as crianças de cinco anos inspirou-me e influenciou as demais professoras a adotarem livros de literatura infantil que tratassem das questões da identidade étnico-racial. O tema dos livros centrava-se na valorização da herança cultural africana e na construção da identidade étnico-racial das crianças.

Esse foi o início da elaboração de um projeto que contemplou a cultura afro-brasileira e africana abarcando ainda, os temas da identidade étnico-racial, preconceitos, respeito a diversidade etc. Tais temas são evidenciados nos relacionamentos desde a infância, e por isso, motivou esse estudo, a fim de que o processo de reconhecimento da identidade seja positivo e engrandecedor, valorizando a herança cultural africana e o respeito a diferença.

Segue aqui, uma experiência que valeu a pena, pois queríamos que as crianças se reconhecessem em diferentes contextos, e assim se inspirariam e aprenderiam com as personagens dos livros a reproduzirem as suas próprias histórias, sem se importar com as limitações impostas pela sociedade.

### **3. APRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

O objetivo desta proposta pedagógica desenvolvida na escola foi abordar, refletir, e analisar o tema da formação da identidade étnico-racial das crianças em formação escolar de forma geral e especialmente da criança negra a partir da literatura infantil.

Foi realizado um projeto que focou nas questões da identidade das crianças e valorização da cultura negra. Para tanto fizemos opção pelo uso da literatura infantil para provocar reflexões nas crianças a respeito de padrões de beleza, diversidade cultural africano e afro-brasileira.

Trabalhar com literatura que não incentiva os estereótipos tradicionais que enaltecem um grupo étnico-racial apenas, proporcionou uma vivência mais contextualizada. A literatura africana e afro-brasileira possibilita a construção de valores e ensinamentos que propiciam às crianças a construção afirmativa da sua identidade étnico-racial. Dado o exposto, infere-se que essa aproximação com a literatura que trabalha afirmativamente a identidade negra poderá contribuir para uma autoestima e autoconceito positivos das crianças. A literatura usada com as crianças abordava as questões étnico-raciais possibilitando às crianças observarem a representação de personagens de contos de fadas que retratam e valorizam a estética e a cultura africana.

A obra “Princesas negras e a sabedoria ancestral” de Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza (2010) foi definida como um instrumento para esse projeto. A obra provoca uma reinterpretação do universo simbólico da beleza negra, a qual é resgatada através do corpo, da cor da pele, do cabelo entre outros traços fenotípicos e valores ligados a ancestralidade africana. Intencionava-se que o trabalho com o livro, assim como a observância do comportamento e das falas, respondesse a questão que gerou este trabalho, confirmando a hipótese de que a criança negra que reconhece sua identidade, valoriza suas raízes e se vê como participante de um contexto. Estar neste contexto significa se enxergar como pessoas integrantes de um grupo, e por isso, tão importante quanto todos os outros. Consoante, esperava-se também auxiliar a criança branca a entender a diversidade presente na formação dos grupos étnicos.

Infelizmente, essa temática na esfera da educação infantil parece ser encarada com pouco interesse por alguns profissionais do corpo docente, pois se observa mínimo envolvimento na investigação dessas questões. Entender o que desestimula os docentes é considerar que o preconceito racial está enraizado historicamente na sociedade brasileira e sua naturalização é um fator de grande peso. Como um fator somativo, há

também o fato de que essas raízes estejam presentes nos valores de alguns docentes, ou seja, é provável que haja preconceito inclusive por parte desses profissionais que convivem e fazem parte desse conflito.

A despeito das dificuldades, temos a mobilização organizada dos movimentos sociais negros que têm travado lutas que possibilitam avanços consideráveis quando se trata de políticas públicas que hoje viabilizam materiais didáticos para a abordagem da temática étnico-racial na escola.

Por esse avanço, torna-se indispensável o incentivo efetivo de práticas pedagógicas que tratem da valorização do patrimônio histórico cultural da população negra e de combate a quaisquer formas de discriminação. Vale ressaltar que todo incentivo para combater estereótipos e discriminações, corrobora para que outras demandas urgentes também sejam abordadas, como diferenças sociais, sexuais, intelectuais, dentre outras.

O projeto *Ser diferente é normal*, desenvolvido na escola Municipal Walter Fausto do Amaral, envolveu toda a escola na construção de uma educação antirracista. Vislumbrando o sucesso, é necessário que os professores da educação infantil invistam em pesquisas com maior ênfase nessa temática. O profissional da educação precisa de uma formação contínua em serviço, participando de cursos oferecidos ou buscando em outros locais, embasamentos teóricos e práticos para educação das relações étnico-raciais.

A falta de envolvimento de alguns profissionais gerou algumas dificuldades tais como a inviabilidade dos projetos interdisciplinares; defasagem dos conteúdos relacionados à temática das questões étnico-raciais em relação às experiências artísticas. Devido à falta de parceria com a professora de artes o trabalho não foi satisfatório.

O olhar positivo sobre a identidade étnico-racial é algo que deve ser construído desde a primeira etapa da educação básica, ou seja, deve ser iniciada na educação infantil no intuito de se desenvolver uma geração mais consciente de suas origens culturais, religiosa e social e que respeite a diversidade étnico-racial existente no país.

O objetivo geral da prática pedagógica desenvolvida na educação infantil com as crianças de cinco anos foi um olhar de reconhecer e valorizar a diversidade humana. Assim, partindo de um processo de conhecimento e respeito de nossas identidades culturais, com o intuito de resgatar e fomentar atitudes individuais e coletivas contra o preconceito e a favor do respeito às diferenças, usamos a literatura infantil como aliada principal nesse processo.

Na análise da prática que será apresentada pretende-se discutir a relação entre a literatura africana e afro-brasileira e os estereótipos em torno do pertencimento étnico racial das crianças. Sucintamente, veremos as diversas contribuições da literatura que

considera a diversidade étnico-racial do povo brasileiro na construção de imagens positivas dos diversos grupos étnico-raciais, em especial da população negra.

O envolvimento com as experiências e o referencial teórico disponibilizado por Bento, Dias e Trinidad trouxeram reflexões e indagações que instigaram uma pesquisa nesse viés temático. E por reconhecer na educação infantil uma etapa crucial para a construção de valores que culminam no pertencimento identitário, este estudo se justifica e pretende contribuir para que essas crianças saibam lidar nas suas relações com o outro, aceitando-se e aceitando as diferenças.

#### 4. REFLEXÕES NECESSÁRIAS SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E EDUCAÇÃO INFANTIL

Dentre as reflexões necessárias sobre as relações étnico-raciais na educação infantil a promulgação da Lei Nº 10.639/2003<sup>2</sup> é um marco legal indispensável para se pensar as ações afirmativas e propostas de mudanças nas práticas pedagógicas. Desde a promulgação dessa lei que norteia as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira é possível pensar na construção de uma escola que contemple a discussão sobre o tema e abomine todas as formas de preconceito. O momento é de fazer, não apenas a discussão do diferente nas diferenças, mas chegou o tempo de colocarmos em prática uma perspectiva Segundo Santos (2007), discutir com clareza como percebemos o outro e de que maneira lidamos com a diferença do outro, nos ajuda a observar e repensar nossos valores e possíveis preconceitos, como olhar a especificidade das relações entre brancos e negros e sobre as dificuldades que podem marcar essa aproximação. A referida autora relata que

É fundamental perceber que o processo de identificação implica que estejamos abertos a nos relacionar com aquilo que é diferente de nós; a dialogar com as diferenças, pois é a partir desse diálogo que incorporamos novos conteúdos a nós mesmos, abandonamos antigos, nos transformamos. (p. 15-16).

Isso quer dizer que trabalhar com a temática da diversidade étnico-racial não é fácil. Porém, há um respaldo legal que propõe uma reconfiguração do entendimento e do imaginário social sobre o povo brasileiro, ou seja, nos dá uma oportunidade de

---

<sup>2</sup>“Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação."

compreender quão importantes foram e são os negros na construção e contínua reconfiguração da nossa nação brasileira.

#### 4.1 A EDUCAÇÃO INFANTIL E A LEGISLAÇÃO

Não poderíamos falar dessa prática pedagógica desenvolvida na Educação infantil sem conhecermos as leis que fundamentam essa etapa tão importante na Educação Básica.

Na década de 1980, ocorreram mobilizações de diferentes setores da sociedade, como organizações não governamentais, comunidade acadêmica e pesquisadores da infância, população civil e outros, a fim de se garantir o direito da criança à educação pública de qualidade. Frente a essas pressões sociais, houve grandes avanços, como a Constituição Federal de 1988 que, em seu artigo 208, inciso IV, designa que “[...] O dever do Estado para com a educação será efetivado mediante a garantia de oferta de creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade” (BRASIL, 1988).

Além disso, foram criados o Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990 garantindo direitos primordiais às crianças e aos adolescentes. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, em 1996 considerou a educação infantil como primeira etapa da educação básica sendo, portanto, dever do Estado oferecê-la às crianças de 4 e 5 anos.

A partir dessas ações, outras começam a emergir no sentido de colaborar na construção dos currículos e dos projetos político-pedagógicos das instituições de educação infantil. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI (1998)<sup>3</sup> surgiu como um documento oficial que trouxe novas reflexões sobre o ensino, a didática e o currículo. Nesse documento, a criança é concebida como sujeito social e cultural, com suas especificidades e individualidades oriundas de contextos econômicos, familiares, culturais e afetivos diversos, em oposição à concepção assistencialista presente em creches e pré-escolas durante décadas anteriores.

Com os RCNEI objetivou-se conciliar o cuidado, a brincadeira e o aprendizado:

Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser

---

<sup>3</sup> O referencial é um guia de orientação que deverá servir de base para discussões entre profissionais de um mesmo sistema de ensino ou no interior da instituição, na elaboração de projetos educativos singulares e diversos. Estes volumes pretendem contribuir para o planejamento, desenvolvimento e avaliação de práticas educativas que considerem a pluralidade e diversidade étnica, religiosa, de gênero, social e cultural das crianças brasileiras, favorecendo a construção de propostas educativas que respondam às demandas das crianças e seus familiares nas diferentes regiões do país. (Volume 1 – RCNEI. Carta do Ministro).Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf)>.

e estar com os outros, em uma atitude de aceitação, respeito e confiança, e o acesso pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural (BRASIL, 1998, p. 23)

Não restam dúvidas de que mesmo existindo ainda, sérias barreiras à cultura afro-brasileira nas escolas, os avanços alcançados até hoje são importantíssimos. Como afirma Lima (2005), é na educação infantil que são formados os primeiros embriões dos valores humanos, costumes e princípios éticos, então ali, com certeza as manifestações racistas e discriminatórias poderão ser amplamente combatidas.

Tantas considerações mostram a educação infantil sendo respeitada, por ser um instrumento necessário para dar início à educação e à socialização das crianças, inclusive para trabalhar a discussão da diversidade já na infância. Se a criança não for preparada desde cedo, dificilmente romperá com os preconceitos. A luta pela superação do racismo e da discriminação racial é, pois, tarefa de todo educador, independente do seu pertencimento étnico-racial, crença religiosa ou posição política.

#### 4.2 NA EDUCAÇÃO INFANTIL, EXISTEM POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA A IGUALDADE RACIAL?

Conforme Dias (2014), a temática da promoção da igualdade étnico-racial deve ser pautada nas escolas desde a primeira infância. A autora afirma que

Diferentemente do que alguns possam pensar, sim, também na educação infantil estamos constituindo políticas públicas para a promoção da igualdade racial. Muitos contrários às cotas para negros em universidades argumentam que para superar as desigualdades raciais e sociais deveríamos começar pela base da educação. Concordamos parcialmente com a proposição. De fato, as políticas de cotas no ensino superior devem se articular a outras políticas afirmativas que concorram para alterar concepções em relação aos grupos discriminados e, portanto, nada mais adequado do que começar na educação infantil, primeira etapa da educação básica. Embora as ações nessa etapa não tenham vigor e nem a visibilidade que as relacionadas ao ensino superior, nos é bastante aprazível saber que elas existem, estão crescendo e são pautadas em investigação acadêmica. (2014, p.36-37)

Isso pode ser constatado através de diversas pesquisas no campo da educação para as relações étnico-raciais que tem focalizado os estudos da promoção da igualdade racial na primeira etapa da educação básica. Assim sendo, podemos relatar que nossa prática pedagógica tem sido um marco positivo em relação à promoção da igualdade racial na Escola Municipal Walter Fausto do Amaral.

Sabemos que o caminho percorrido é longo, pois é neste espaço, que caracterizamos como escolar, que a maioria das crianças, especialmente as negras, iniciam

a construção das suas subjetividades e intersubjetividades onde ocorrem seus primeiros contatos com preconceitos, estigmas e com o racismo.

#### 4.3 CONSTRUÇÃO E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA

Na literatura que aborda o tema sobre a construção e afirmação da identidade pode constatar as dificuldades da sociedade assumir que existe racismo no Brasil. De acordo com Guimarães, Dantas e Moura

O Brasil ainda cultiva o mito da democracia racial, buscando negar constantemente as raízes profundas do racismo em nossa sociedade, produzindo assim um “racismo cordial”. Neste sentido, nosso país não se declara racista, entretanto, continua condenando a exclusão a população negra mantendo-a vítima de estereótipos e estigmas. (2011, pág. 8)

Este “racismo cordial”<sup>4</sup> é compreendido como

(...) racismo à brasileira é uma mácula na nação. É aquele racismo que não se mostra racista, que diz que aceita porque toma café junto, mas não mistura o sangue, que diz que sempre tratou bem aos negros porque deu sapatos usados para a empregada e que passa isso de forma atávica para os filhos por meio das pequenas estruturas condicionantes de desigualdade que desqualificam a diferença. A diferença é a melhor coisa que nós temos. A diferença é o traço do aumento de repertório, da inclusão do novo, da ampliação do olhar para fora, de sair da caixinha, de ampliar horizontes ao perceber, reconhecer e trazer o Outro para si. Mas a diferença não é desigualdade e enquanto o brasileiro não entender os significados distantes destas duas palavras, o racismo cordial vai continuar ferindo a nós todos enquanto nação.

Tal racismo nos leva a refletir sobre a “ideologia do branqueamento” mencionada por Bento (2002). Estudos sobre a teoria do branqueamento revelam que esta é uma ideologia construída pela elite branca, buscando assim fortalecer seu autoconceito e legitimar sua superioridade nos aspectos econômicos, políticos e sociais. Esse credo proporcionou um impacto negativo sobre a identidade do negro, levando-o a desenvolver um processo de auto rejeição dos seus fenótipos e a desejar a construção de uma identidade branca.

Compreende-se, portanto, a importância de se discutir os processos de construção de uma identidade negra positiva dentro da escola, já que “[...] mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa [...]”.

---

<sup>4</sup> BRANDINI, Valéria. Do diferente ao desigual: o racismo cordial brasileiro. Publicado em: 13 Mai. 2014 BRT. Atualizado em: 13 Jul. 2014. 06h12min BRT. Disponível em: [http://www.brasilpost.com.br/valeria-brandini/do-diferente-ao-desigual-o-racismo-cordial-brasileiro\\_b\\_5315882.html](http://www.brasilpost.com.br/valeria-brandini/do-diferente-ao-desigual-o-racismo-cordial-brasileiro_b_5315882.html). Acesso em: 20 Jan. 2016.

Além disso, mesmo que seja atribuída à questão social, a pobreza tem cor”. (BENTO, 2002. p.27).

Para a autora é responsabilidade da escola o compromisso de romper com a visão escravocrata e abolicionista buscando mostrar a história e cultura da África não mais sem referências positivas e sem tradição, mas com uma visão que permitam construções positivas de identidades raciais. Nesta perspectiva, explicita-se a importância da discussão dos processos de construção da identidade, a partir do momento em que a escola se mostre como um espaço democrático para promoção de práticas sociais e com isto se apresente contrária a estigmas que excluem as manifestações religiosas, gênero ou raça.

Gomes (1995) declara que para que a escola venha a se tornar um espaço democrático, aberto às discussões que visem uma sociedade mais igualitária, é indispensável a mobilização dos interessados por esta. Para tal, destaca que:

Os movimentos sociais, as lutas da comunidade negra exigem da escola posicionamento e a adoção de práticas pedagógicas que contribuam para a superação do racismo e da discriminação [...] é necessário uma formação político- pedagógica que subsidie um trabalho efetivo com a questão racial na instituição escolar. Boa vontade não basta! (p.188-189).

A proposta pedagógica que está focada no papel da literatura afro-brasileira e africana na formação da identidade étnico-racial das crianças na educação infantil corrobora de forma afirmativa com um projeto de sociedade democrática e que respeita a diversidade. O trabalho com a literatura africana e afro-brasileira pode ser utilizada como uma proposta didática que ajuda na positividade da identidade das crianças, uma vez que discute aspectos culturais e históricos do continente africano e do Brasil, fomentando o pensamento crítico sobre a diversidade e as desigualdades que permeiam nosso cotidiano.

A valorização do pertencimento da criança advindo da interação com a literatura, assim como a percepção e o contato envolvente da linguagem corporal do negro, são facilitados pela literatura infantil, a qual possibilitará a criança uma vivência entre as narrativas e o seu imaginário.

Mesmo a literatura sendo um facilitador, há também os entraves da literatura tradicional, que reforçam estereótipos específicos. Neste universo de reis, rainhas, cavaleiros e suntuosos castelos, os personagens principais da literatura infantil, geralmente, são oriundos do continente europeu e deixam suas marcas eurocêntricas na subjetividade da criança.

Não obstante, a proposta do projeto desenvolvido na escola contrapõe a esse imaginário social, propondo um novo significado, uma nova visão das novas identidades

que a política inter-racial tem como prerrogativa: se contrapor à hegemonia dos contos de fadas à medida em que apresentam personagens negras e negros, para além dos safares, tribos e turbantes coloridos, mas como sujeitos históricos participantes ativos e orgulhosos de sua cultura e do seu pertencimento racial.

O trabalho com a literatura africana e afro-brasileira permite também o contato com literaturas desconhecidas ou marginalizadas pela escola. A valorização dessa cultura apresenta a África como um continente multicultural e permite a construção de imagens positivas de negras e negros, rompendo assim com a imagem do negro aculturado, vítima da destruição pelos brancos, dos seus valores culturais e mostrando o negro como sujeito histórico, inserido em estratégias de poder, afirmação política e reformulação positiva de sua identidade.

Romão (2013) afirma em reportagem a Revista Pátio:

O modo como as crianças se veem e são vistas pode começar a mudar a partir de variadas formas de trabalho em sala. Leitura de livros que retratem a cultura negra a partir de sua riqueza e realcem a beleza das características afro-brasileiras ou apresentação de imagens de heróis negros, músicas, tecidos típicos, culinária, produção de autorretratos e brincadeiras em frente ao espelho...”. (p.43)

Enfim, nesse sentido é possível constatar no tocante à literatura infantil e a construção de identidade étnico-racial da criança negra que a presença positiva do negro no livro é muito importante, assim como possa ser também acessado pelas crianças negras e não negras, nos diversos espaços sociais, possibilitando assim uma interação do leitor negro e não negro com questões e ilustrações que envolvem à temática étnico-racial. Esse contato contribui para o desenvolvimento de ações e relações baseadas na valorização e no respeito à diversidade étnico-racial.

## 5. DESCREVENDO A PRÁTICA

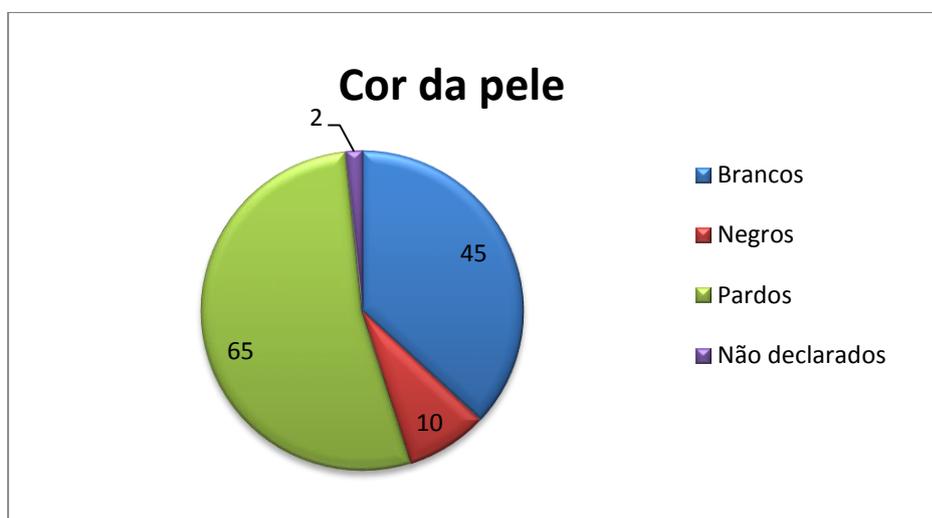
O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal Walter Fausto do Amaral - Contagem, que atende, atualmente, 1005 alunos, em sua maioria, dos Bairros Conjunto Carajás e Pedra Azul. Estes são, predominantemente, carentes e vivem em situação de vulnerabilidade social, cujo fenótipo prevalente é o da cor preta ou parda.

A instituição escolar oferece a modalidade EJA, o ensino fundamental I e II e educação infantil. Atualmente, possui 20 salas de aula, das quais cinco turmas são de educação infantil, duas quadras cobertas, secretaria, diretoria, coordenação, biblioteca, laboratório de informática, laboratório de ciências, sala de professores, sala de arte cantina, banheiros amplos, duas salas de Multimeios e equipamentos tecnológicos modernos como datashow, micros, vídeo e TVs.

Lamentavelmente, a escola não possui um Projeto Político Pedagógico consolidado, conseqüentemente não há nenhum projeto que engaje toda a escola, ou que estimule a interdisciplinaridade e o trabalho em equipe. Cada profissional realiza a sua proposta pedagógica dentro da sua disciplina. Dentro dessa realidade, o projeto “*Ser Diferente é normal*” não foi trabalhado nos demais ciclos da escola, uma vez que foi trabalhado apenas na Educação Infantil.

Quanto ao quantitativo da educação infantil, são matriculados cento e vinte e duas crianças. No turno da tarde, são duas turmas de 4 anos e 3 turmas de 5 anos. De acordo com a ficha de matrícula preenchida pelos pais, 45 crianças foram declaradas brancas, 65 pardas e 10 negras. Em dois casos não houve declaração de raça/cor.

Gráfico 1 – Declaração de cor feita pelos pais das crianças



Durante o processo do trabalho cada professora utilizou a temática étnico-racial abordando-a a partir do livro escolhido, se encaixando nas peculiaridades de cada turma.

Através da observação e da pesquisa de algumas obras relacionadas às práticas pedagógicas, buscamos a realização do projeto que se estruturou da seguinte forma:

- 1- Proposta do trabalho com a diversidade;
- 2- Mural da diversidade;
- 3- Roda de conversa sobre o mural;
- 4- Contação da história “Menina Bonita”;
- 5- Apresentação do projeto para famílias;
- 6- Escolha do livro Princesas Negras;
- 7- Cuidando de uma princesa;
- 8- Mostra Cultural.

A sala de aula da educação infantil é um espaço privilegiado do Cuidar e Educar. Espaço onde as crianças vivem o processo significativo do aprender em todos os aspectos, entre eles o da interiorização de valores e imagens que constituirão a estrutura da sua personalidade e identidade. No aspecto pedagógico, o esforço tem sido atingido pois, os materiais já delineiam os valores que marcam a diversidade da cultura brasileira, em que a criança negra é reconhecida como uma cidadã de direitos plenos, como sujeitos do processo e agentes de mudanças no aspecto positivo.

O início da prática se deu no mês de fevereiro, recebermos as crianças e as famílias no pátio da educação infantil com um painel que mostrava a diversidade do nosso país. Em meados de março foi passado para as famílias o que era o projeto *Ser Diferente é normal*. A pedagoga informou às famílias que no primeiro semestre as professoras trabalhariam com as crianças através de literatura infantil que abordasse a temática racial.

Através do painel feito pela pedagoga da educação infantil pedimos às crianças que nos relatassem suas impressões sobre a atividade. Essa etapa nos surpreendeu com a visão que as crianças têm de si mesmas.

As indagações para propiciar a fala e a participação das crianças foram: Vocês conhecem esses personagens? Com quais das imagens vocês se identificam? Quais vocês acham bonitas? Se vocês pudessem escolher quais delas vocês seriam, qual escolheriam? Percebem se há diferenças entre essas crianças e quais as diferenças?

Fizemos uma roda durante essa atividade e todas as crianças tiveram a oportunidade de comentar, de falar. Algumas crianças responderam que a menina loira era a mais bonita, outras falaram que gostariam de ser da cor do índiozinho, outras falaram que o negro era

feito porque seu cabelo era ruim etc. Isso confirma que os estereótipos negativos com relação à pessoa negra estão presentes no imaginário das crianças desde a primeira infância. De acordo com Silva e Dias (2011)

Durante a educação infantil, as crianças começam a perceber as diferenças e semelhanças entre os participantes de seu grupo, a reconhecer as próprias características e potencialidades e, dependendo dos recursos afetivos e sociais que lhes forem oferecidos, esse processo pode ser mais positivo ou mais negativo para a constituição de sua identidade.

E ainda, segundo Bento (2003)<sup>5</sup>

(...) ainda está fortemente marcada pela relação que estabelecemos com nosso grupo, com o *out-group*– o grupo “de fora”– e, particularmente com nosso próprio corpo, já que a nossa *psiquê* existe dentro de um corpo. Nesse processo vamos construindo representações sobre nós e sobre o outro. (p.20)

Após um momento de interação na roda, as crianças responderam e participaram entusiasmadamente. Diante da superação da expectativa, houve de minha parte preocupação e ansiedade, mas sem apavoramento. O “socorro” veio do coletivo dos profissionais, que decidiram juntos fazer um trabalho com os livros infantis, foi proposto trabalhar com as turmas as outras obras escolhidas pelas crianças. Os títulos escolhidos foram: A bonequinha Preta; Menina Bonita do laço de fita; Bruna - a galinha de angola; Os Cabelos de Lelé; e as Princesas Negras. A minha turma escolheu esse último título das autoras Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza.

Para introduzir a contação da história “Menina Bonita do laço de fita”, as crianças foram reunidas no pátio. Uma professora trouxe um coelho de verdade e criou-se um suspense entre as crianças. Ela iniciou a contação da história e mostrou um dos personagens do livro: o coelhinho. A intenção era que todas as crianças pudessem vivenciar diversas experiências com o personagem.

As experiências físicas vivenciadas pelas crianças foram: sentir o pelo do animal, carregá-lo, vê-lo comer, enfim, eles perceberam que aquele coelhinho não era o da história, mas eles interagiram como se fosse. Já as experiências do imaginário infantil foram incontáveis, pois propiciaram uma ligação entre a literatura e o real, assim como possibilitou a participação nas aventuras do coelho da história, que tanto desejava ter a mesma cor da menina.

---

<sup>5</sup> BENTO, Maria Aparecida Silva & CARONE, Iray (orgs). Psicologia social do racismo – estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2003. *Apud* \_\_\_\_\_. Práticas Pedagógicas para a igualdade racial na educação infantil. CEERT. 2011.

Ao final dessa atividade, diante do envolvimento com a história e o contato com novas informações sobre o animal, foi possível trabalhar alfabetização e todos os eixos relacionados a educação infantil, tais como o cuidado com a linguagem e os saberes diversos.

Contrapondo com o sucesso dessa atividade, um aluno mencionou seu desconforto em estar perto de uma coleguinha negra. Sua fala reproduziu sua incompreensão sobre o tema: “Professora, por que ela é azul?” Naquele momento, constatou-se a necessidade de trabalhar a questão da identidade étnico-racial com todas as crianças e para isso, seria necessário construir estratégias tais como o envolvimento das famílias e atividades lúdicas, para permitir que as crianças pudessem aprender e refletir sobre a diversidade.

Segundo Trinidad (2011),

Considerando a criança como sujeito histórico, social e cultural, que se constitui por meio de suas interações e seus pertencimentos, e que o currículo – compreendido como conjunto de práticas pedagógicas – deve ser desenvolvido a partir dessas interações, torna-se premente que a educação infantil considere as diferenças existentes entre as crianças e seus grupos de origem e, sobretudo, propicie oportunidades para que todas as crianças tenham as mesmas condições de tratamento e de educação. Para que isso ocorra, é fundamental o conhecimento sobre as realidades ocorridas entre as crianças em etapa de educação infantil, tanto no âmbito macro, quanto em âmbito micro. Práticas pedagógicas para a igualdade racial na educação infantil. (p. 122)

Todo docente é mediador no processo de ensino aprendizagem, e esse papel remete a uma postura de percepção e atitude. As demandas que surgiram após a interação impulsionaram uma pesquisa com vários livros que trouxessem traços culturais africanos e afrodescendentes. Escolher esses títulos literários objetivava oportunizar o contato e a experiência de crianças com a diversidade, para que a estranheza ou desconforto não mais ocorresse, mas desenvolvesse o respeito ao pertencimento étnico-racial de cada pessoa.

O trabalho com a literatura que valoriza a herança cultural africana e afro-brasileira é e deve ser algo muito presente na prática docente, principalmente quando há representações de modelos tradicionais que não representam todas as crianças, tais como Branca de Neve e a Cinderela, entre outras. É preciso reconhecer e valorizar as princesas negras, histórias que valorizem sua cor, cabelos, cultura e ancestralidade.

Como um suporte para o projeto, após a apresentação de vários títulos citados aqui as crianças escolheram o livro **“Princesas Negras e a sabedoria ancestral”**, que favorece a introdução desde a educação infantil de discussões identitárias da cultura afro-brasileira, o que nos parece muito pertinente tanto para a formação leitora quanto cultural das crianças.

É preciso considerar que essa literatura corrobora com as lutas dos movimentos sociais negros que há décadas pleiteiam a superação do racismo no espaço escolar. Tal reconhecimento ocorre na obra tanto por meio da linguagem, bem como o real reconhecimento da história e cultura afro-brasileira e africana. Tal reconhecimento está presente no livro citado acima através das ilustrações quanto pelo texto que apresentam aspectos positivos da cultura em questão, favorecendo o sentimento de pertencimento do leitor infantil afrodescendente.

Dessa forma, a obra literária colabora para que as crianças negras sejam despertadas para o mundo da leitura de livros que contemplam seus fenótipos como seus cabelos, a cor da sua pele e também sua história, sendo retratados em personagens identificáveis por essas características e traços comuns. Em suma, ao se comparar e reconhecer nas personagens do livro a criança percebe que ela é pertencente a um grupo étnico-racial portador de cultura, civilização e valores ancestrais que marcaram e marcam a existência do negro no continente africano e na diáspora.

Em princípio, me pareceu uma atividade simples, com menos complexidade, à medida que ia desenvolvendo o projeto percebi como o preconceito racial está enraizado no inconsciente coletivo. Essa aferição foi possível pelos questionamentos diversos dos pais, tais como o nome do livro escolhido pela turma, insatisfação com a cor das princesas, a questão do gênero, entre outras.

Assim como As Diretrizes curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2004) prevê que todas as crianças precisam buscar sua identidade de forma positiva, tal passo construirá uma identidade alicerçada na história de um povo que compõe o perfil histórico e cultural do brasileiro.

## **5.1 DETALHANDO E ANALISANDO A PRÁTICA**

A seguir serão dados os detalhamentos sobre as atividades realizadas diretamente com a turma em que atuo.

### **5.1.1 Atividade 1 – A participação da família no projeto “Ser diferente é normal”.**

Iniciamos nossa prática pedagógica no início do ano com uma reunião das famílias para explicar como iríamos desenvolver nosso projeto em 2015. Conforme Bento (2010)<sup>6</sup>, é

---

<sup>6</sup>BENTO, Maria Aparecida Silva. Entrevista concedida para o Programa Salto para o futuro. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/tve/salto/interview;jsessionid=16DA5B44BA8C12CDA87A9EA6EAD768BE?idInterview=8452>. Acesso em: 17 Jan. 2016.

fundamental a participação e o envolvimento das famílias na construção e efetivação de projetos. A autora salienta

Nessa etapa da vida, a família deveria estar mais próxima da escola. É uma etapa em que a criança é muito pequena, há muita interação entre os pais e a escola. É uma das coisas que percebemos nas falas dos professores que desenvolveram experiências de trabalhar esse tema dentro da escola é que, quando eles trazem esse tema, a família se aproxima. É como se a família estivesse se sentindo acolhida pela escola. Quando ignoramos que existe essa questão, a família talvez se mantenha mais distante. Mas quando se pode tratar disso, a família se aproxima mais ainda. E aí a afirmação da diferença, a afirmação da diversidade acontece, porque temos mesmo diferentes histórias. E as diferentes histórias têm que aparecer em todos os sentidos. A família, o grupo ao qual a criança pertence, e no caso da criança negra, temos uma família negra, temos um segmento negro, e este segmento precisa ser ressignificado. Hoje ele ainda tem uma marca negativa. Nos meios de comunicação está mudando isso, mas ainda temos uma presença negra que é mal colocada. Resignificar isso pode começar na Educação Infantil. Por exemplo: a criança pode ler e ver filmes sobre a Branca de Neve, mas pode ver e ler filmes sobre as lendas africanas, tanto a criança negra quanto a criança branca. Ambas têm que trazer essa dimensão positiva. Eu não discuto nunca a criança negra sozinha, porque as relações raciais são relações que envolvem crianças negras e brancas, temos que pensar o tempo inteiro nas duas. É importante uma criança branca incorporar positivamente a herança desse país. A herança desse país incorpora negros, indígenas... A criança branca tem que receber isso com positividade. A Educação Infantil pode fazer isso. (Transcrição feita pela autora)

Fizemos uma acolhida para que as famílias participassem conosco de todo o processo de desenvolvimento do projeto desde o início. Constatamos que a parceria foi exitosa pois, na feira cultural houve empenho de todas as famílias.

Elaboramos um planejamento cujo eixo central era a identidade étnico-racial. Dentre as atividades propostas, destacam-se: a confecção de um crachá; leitura e exploração do poema “*O nome da gente*” de Pedro Bandeira<sup>7</sup>, estudo da história do nome das crianças e o desenho do seu autorretrato para a construção de um painel. O momento mais marcante dessa atividade foi a construção de um texto coletivo em que o nome de todas as crianças era associado a uma característica forte de cada uma. A interação das crianças marcou aquele momento. Eles viram as qualidades e os defeitos uns dos outros, notaram suas características físicas e de personalidade, enfim, foi um momento de descobrimento. O mais importante foi perceber que nas diferenças eles se complementavam.

### **5.1.2 Atividade 2: Leitura do livro Princesas Negras**

---

<sup>7</sup>Vide anexo A.

Como já relatei, a obra escolhida pelas crianças foi “Princesas Negras e Sabedoria Ancestral” de Ariane Celestino e Edileuza Penha. A apresentação do livro começou quando as crianças foram colocadas assentadas no chão, em roda. A formação permitiu que todos pudessem participar, e assim exploramos a capa e contracapa do livro, elas conheceram o nome das autoras e do ilustrador do livro, dentre outras informações que favoreceram o conhecimento da obra. O título não havia sido revelado.

Após esse primeiro momento de inferência, percepção e observação da obra por parte dos alunos, a impressão pareceu positiva. A leitura da história foi participativa, valorizando as falas e os apontamentos das crianças ao longo da contação (sentados embaixo de uma árvore no pátio).

Após a motivação prévia das crianças fizemos algumas perguntas: O que vocês acharam da história? O que vocês acham dessas crianças em volta da árvore? Vocês se parecem com algumas delas? Todas essas crianças são meninas ou meninos? Vocês conhecem alguma princesa negra? O que vocês acharam dos cabelos das princesas relatadas na história? Alguém entre vocês têm os cabelos parecidos com os das princesas negras retratados aqui?

Algumas crianças responderam às perguntas rapidamente, outras permaneceram em silêncio. A criança X respondeu que a capa do livro não era bonita, pois as crianças eram todas da mesma cor e porque elas estavam com os olhos fechados.

Fiz a exploração da contracapa do livro mostrando a foto das autoras. Novamente as crianças reagiram com estranhamento e começaram a rir, dizendo que as autoras eram muito feias.

Logo após, revelei o título do livro “*Princesas Negras*” explorando as ilustrações das personagens. Uma criança perguntou: “Professora, estou achando essas crianças feias, parece que elas nem tem olhos!”. A primeira impressão que tive foi decerto deboche, por acharem os desenhos contidos no livro eram feios sem nenhuma explicação. Elas pareciam já ter um certo preconceito visual em relação as imagens.

Fui fazendo a leitura, explorando as imagens e também conversando sobre os tipos de princesas, estabelecendo associações com a vida cotidiana, comparando as princesas do livro, por exemplo, com as bonecas da sala de aula.

Notei que as crianças tiveram pouco contato com livros em que as personagens eram negras e por isso, considerei aceitável que demonstrassem estranhamento. No decorrer da prática pedagógica, fomos contando a história de diversas maneiras, incluindo brincadeiras e outras formas de ensinar, tais como: dramatizações, músicas, imitação,

desenho, confecção de fantoches e dedoches, exploração de fotos e imagens, leitura de textos, exploração das partes do corpo, certidão de nascimento, linha de tempo, gráficos, e tantas outras. Foram momentos ricos para as crianças e para nós. Crescimento, emoção, troca de experiências. Nós aprendíamos juntos, crianças e adultos.

Essa flexibilidade e criatividade para diversificar a prática pedagógica se justifica, pois de acordo com Bento

É impressionante como os professores são criativos. E mais impressionante ainda é que cerca da metade das professoras – porque a esmagadora maioria são mulheres – são mulheres brancas. Eu acho isso fantástico. Mulheres brancas, professoras, estão preocupadas em fazer isso. E fazem isso como? Brincando com dramatização, com bonecos, com desenhos, com música. Nós tivemos uma experiência numa creche em Heliópolis, que foi fantástica. Primeiro, tentamos mudar o ambiente da escola, vimos como eles estavam: como faltavam bonecas, brinquedos, livros na biblioteca. E depois fizemos uma experiência que foi interessante, que foi a dança afro com as meninas negras e brancas. Um tempo depois, as meninas brancas não queriam deixar de usar os birotinhos (amarrações de cabelo), porque nós fizemos os birotinhos na cabeça das meninas negras, e as brancas também quiseram. E depois elas quiseram ficar com os birotinhos, adoraram a roupa, que era um traje de um dos países da África. Foi muito bom percebermos não só o impacto nas meninas negras, que ficaram todas orgulhosas da sua herança, da sua característica cultural, como para as meninas brancas. (Entrevista concedida ao Programa Salto para o Futuro, 2010).

Realmente os avanços com as crianças nessa fase são espetaculares e surpreendentes.

### **5.1.3 Atividade 3 – Confeccionando as princesas**

Após diversos momentos da apresentação da obra para as crianças chegou o dia tão esperado: o dia de confeccionarmos nossas princesas. Esse dia foi um dia inesquecível para toda a turma. A proposta para aquela atividade requeria muito das crianças e do envolvimento com as famílias. As crianças participaram da atividade com alegria e curiosidade.

Para confeccionarmos as princesas usamos uma criança como modelo da boneca. Assim, o molde de quatro bonecas foi criado e as crianças tiveram a oportunidade de escolher a cor do tecido das bonecas. As opções de cores foram branco, preto e marrom. Outra escolha que elas tiveram que fazer foi sobre o nome de cada princesa. Houve a exposição de vários nomes de meninas para que eles decidissem. Os escolhidos foram destinados a cada boneca, a critério das crianças. Surgiu desse modo, uma princesa de cada cor: Ester, Arabela, Luana e Dandara.

O intuito de criar as princesas era o de que as crianças tivessem maior contato com cada uma delas, ao mesmo tempo tendo contato com sua cor, suas características físicas e favorecer envolvimento. A partir daí, estipulamos um sorteio para que uma criança e sua família passasse um dia com as princesas.

O sorteio foi realizado em uma reunião de pais, a fim de mostrar transparência. Depois que a criança e a família convivessem com as princesas, eles desenhavam e os pais relatavam como foi esse dia. Nos momentos interativos em sala de aula, eles contavam como foi essa experiência.

Neste cenário convidativo, fizemos o “faz de conta” se tornar nossa realidade e as crianças deixaram de ser objeto do conhecimento e se tornaram sujeitos da produção de suas próprias histórias.

#### 5.1.4 Mostra cultural

A mostra cultural realizada pela escola consagrou a nossa prática pedagógica, representando um momento de maior expressão do projeto “*Ser diferente é normal*”. Cada uma das famílias se representou através de um boneco simbolizando a diversidade.

A exposição foi exibida na sala temática da diversidade, em que as turmas tiveram a oportunidade de mostrar os trabalhos feitos com a obra literária escolhida. Cada professor mostrou as produções de seus alunos, assim como ofereciam momentos de transposição com a obra etc. Foi uma forma de explicitar toda satisfação e motivação das crianças em terem participado de algo tão vivo e especial.

A mostra aconteceu na última semana de setembro de 2015. Essa mostra é tradicionalmente realizada como uma oportunidade de promover interação entre a escola e a comunidade, além de incentivar a participação dos pais nos projetos da escola.

A reação de orgulho de cada família, e de cada criança em se autodescobrir e se vendo como parte da história do Brasil e do brasileiro pôde ser percebida de muitas formas, fazendo com que essa oportunidade marcasse a todos nós.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto *Ser Diferente é normal* foi apenas o início da construção de um trabalho, já que a reflexão do tema aqui proposto é um campo a desbravar. Buscar compreender o processo de construção da identidade étnico-racial é um desafio. Trata-se de um campo complexo e dinâmico, construído socialmente, e marcado por relações vinculadas a critérios de inferioridade e superioridade.

A proposta pedagógica realizada na educação infantil me possibilitou o contato com pequenos detalhes e situações, evidenciados nas interações e representações a partir de possibilidades criadas pelas autoras Dias e Bento. Nesse sentido, as narrativas aqui analisadas se aproximam dos propósitos do movimento negro – ressignificação e valorização da história e cultura africana e afro-brasileira, corroboradas pelas referidas autoras.

Essas autoras têm um olhar focado nas relações étnico-raciais e na promoção da igualdade racial na educação infantil. Com a leitura de artigos, livros entre outros me reencontrei enquanto pessoa e professora que atua na educação infantil. Por esse contato percebi que a minha metodologia de trabalho precisava ser redefinida.

Diante dessas descobertas e com uma fala de Bento (2012) descreve que, a identidade é construída por meio do corpo e na convivência com o outro, dando ênfase de como nosso eu é constituído de outros “eus”. Assim, essas interferências, nos primeiros anos de vida, normalmente são a mãe, o pai, a professora ou outros adultos que cuidam diretamente da criança. “Por meio do olhar, do toque, da voz, dos gestos desse outro, a criança vai tomando consciência de seu corpo, do valor atribuído [...], e construindo sua autoimagem, seu autoconceito” (BENTO 2012. p.112), ainda ressalta a autora. Em outras palavras, a percepção do outro, no que diz respeito à identidade racial, é extremamente significativa no que se trata do educar e do cuidado com a criança.

Percebe-se que, mesmo com o significativo aumento de livros que abordam essa temática, e de muitos apresentarem personagens negros, ainda há uma dificuldade de encontrarmos livros com histórias de origem africana ou livros de literatura que contenham personagens negros enquanto protagonistas. A falta de valorização não facilita o acesso, já que as bibliotecas são compostas pela literatura que atrai mais leitores, concentrando o acervo no tradicionalismo racista e discriminatório.

A despeito de todo avanço, ainda é comum ver que os personagens dos livros estejam representados de forma estereotipada, negativamente corroborando para uma

educação que não valoriza a diversidade, dificultando o processo de autoconceito positivo do aluno negro e o desenvolvimento de sua identidade étnico-racial.

Vale salientar ainda que apesar da existência da Lei 10.639/2003 que foi alterada para 11.645/2008 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº. 9.394/1996) onde torna obrigatório o Ensino da História da África e dos Afro-brasileiros, a escola na qual se realizou a prática pedagógica aqui apresentada (com exceção de alguns profissionais) apresenta certa resistência e silenciamento diante das questões étnico-raciais, deixando de fora do currículo escolar os diversos temas que envolvem tais questões.

Não acredito que apenas a representação positiva de personagens negros (vale frisar que já seria um grande passo) seja suficiente para garantir à criança que os acessa (seja através de contação, leitura ou vista das ilustrações), a afirmação de identidade racial já que conforme vimos no decorrer desse texto as autoras apresentadas são unânimes em dizer que a construção de identidade se dá principalmente, a partir da visão que o outro tem do negro, se dá mediante a interação com o outro e de forma inconclusa – durante toda a vida, ou seja, nos diversos espaços sociais e não apenas na escola apesar de esta ser constituída enquanto lócus do saber.

É preciso que o professor esteja preparado para lidar com a diversidade cultural em sala de aula e também, preparado para criticar o currículo e suas práticas de modo a apontar sugestões atinentes ao trato das questões étnico-raciais na sala de aula e até na escola como um todo.

Para que se possa elevar a autoestima da criança negra e desenvolver nesta um sentimento de pertencimento ao seu grupo, faz-se necessário uma participação mais efetiva por parte da gestão escolar, no sentido de viabilizar uma educação voltada para as relações raciais, as questões identitárias e a cultura negra; necessária também, a participação da família e de toda comunidade escolar, neste processo.

Diante de tudo que foi descrito ao longo da minha prática pedagógica realizada, no ano de 2015, na Escola Municipal Walter Fausto do Amaral, posso afirmar que apenas iniciamos um trabalho que é árduo e se faz necessário que todos estejam envolvidos, pois trabalhar as práticas promotoras de igualdade racial na educação infantil é tarefa para todos.

Diante do projeto realizado, considera-se que é possível uma ressignificação pedagógica, no que se refere à construção da identidade da criança negra na educação infantil. No entanto, é imprescindível que a escola busque outras metodologias e formas de educar, como aquelas aqui apresentadas.

Todavia, é preciso reconhecer que mesmo timidamente, ainda há iniciativas educacionais que dialogam com processos emancipatórios quando se trata da questão racial. Basta a escola e o educador estarem abertos a desconstruírem o racismo internalizados. Tais iniciativas estão espalhadas pelo mundo, ressignificando a educação.

Por tudo que foi mostrado, proponho ao grupo de professores da instituição dar continuidade a esse projeto, pois construímos nossa identidade a cada novo dia. Acreditamos que a turma irá continuar nessa construção e que as obras literárias trabalhadas no decorrer de 2015 e tantas outras histórias poderão fazer parte desse desenvolvimento. O tempo todo, estimulando mudanças, gerando valores atribuídos ao que durante muito tempo não estava sendo apontado como importante, pois, lutar por justiça social não tem a ver só com igualdade, mas principalmente com respeitar a diversidade.

## 7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**BARCELOS**, Luiz Cláudio. Educação e desigualdades raciais no Brasil. Cadernos de Pesquisa, n. 86, p. 15-24, ago. 1993.

**BENTO**, Maria Aparecida. Cidadania em preto e branco. 3. ed. São Paulo: Ática, 2003.

\_\_\_\_\_; CARONE, I. (Orgs.). Psicologia Social do Racismo. 2. ed. São Paulo: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_; CASTELAR, M. (Orgs.). Inclusão no trabalho: desafios e perspectivas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

\_\_\_\_\_. Branqueamento e branquitude no Brasil. Disponível em: [http://www.ceert.org.br/premio4/textos/branqueamento\\_e\\_branquitude\\_no\\_brasil.pdf](http://www.ceert.org.br/premio4/textos/branqueamento_e_branquitude_no_brasil.pdf). Acesso em 16 Jan. 2016.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida ao Programa Salto para o Futuro.2010. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/tve/salto/interview;jsessionid=16DA5B44BA8C12CDA87A9EA6EAD768BE?idInterview=8452>. Acesso em: 17 Jan. 2016.

**BRANDINI**, Valéria. Do diferente ao desigual: o racismo cordial brasileiro. Publicado em: 13 Mai. 2014 BRT. Atualizado em: 13 Jul. 2014. 06h12min BRT. Disponível em: [http://www.brasilpost.com.br/valeria-brandini/do-diferente-ao-desigual-o-racismo-cordial-brasileiro\\_b\\_5315882.html](http://www.brasilpost.com.br/valeria-brandini/do-diferente-ao-desigual-o-racismo-cordial-brasileiro_b_5315882.html). Acesso em: 20 Jan. 2016.

**BRASIL**. MEC/SEPPPIR. Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana. Brasília: MEC, 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010.

\_\_\_\_\_. Constituição da República Federativa do Brasil. Diário Oficial da União de 05/10/1988.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394. Diretrizes e bases da Educação Nacional de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. Grupo interministerial para a valorização da população negra. Decreto de 20 de novembro de 1995.

\_\_\_\_\_. PNE. Plano Nacional de Educação para o decênio 2011-2020. Projeto de lei n.º 8.035, de 2010.

\_\_\_\_\_. Programa Nacional de Ações Afirmativas. Decreto Nº 4.228, de 13 de maio de 2002.

\_\_\_\_\_. Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH. Decreto Nº 4.229, de 13 de maio de 2002.

\_\_\_\_\_. Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental - volume nº.10 Pluralidade Cultural e Orientação Sexual, 1997.

**CANEN, Ana.** Formação de professores: diálogo das diferenças. Ensaio: Avaliação, Políticas Públicas Educacionais, Rio de Janeiro, v.5 n.17, p.477-494, out/dez, 1997.

**CAVALLEIRO, Eliane.** Do Silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação -Universidade de São Paulo. São Paulo-SP, 1998.

\_\_\_\_\_. Veredas das noites sem fim: um estudo com famílias negras de baixa renda sobre o processo de socialização e a construção do pertencimento racial. 2003. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, 2003.

**DIAS, Lucimar Rosa.** Formação de professores, educação infantil e diversidade étnico-racial: saberes e fazeres. Revista Brasileira de Educação. V. 17. N.51. Set. – Dez. 2012.

\_\_\_\_\_. Políticas públicas de promoção da igualdade racial na educação infantil, existe? Interfaces da Educ., Paranaíba, v.5, n.14, p.23-46, 2014. ISSN2177-7691.

Educação infantil e práticas promotoras de igualdade racial / [coordenação geral Hédio Silva Jr., Maria Aparecida Silva Bento, Silvia Pereira de Carvalho]. -- São Paulo: CEERT: Instituto Avisa lá - Formação Continuada de Educadores, 2012.

**GOMES, Nilma Lino.** Alguns Termos e Conceitos Presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. 1995. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Alguns-terminos-e->

[conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf](#). Acesso em: 15 Ago. 2014.

**GUIMARÃES**, Eduardo da Silva; **DANTAS**, Rejane Maria; **MOURA**, Dayse Cabral de. Literatura africana e afro-brasileira na educação infantil: reflexões sobre a construção da identidade racial das crianças negras. UFPE. 2011. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/tve/salto/interview;jsessionid=16DA5B44BA8C12CDA87A9EA6EAD768BE?idInterview=8452>. Acesso em 13 fev. 2016.

**TRINIDAD**, Cristina Teodoro. Diversidade étnico-racial: por uma prática pedagógica na educação infantil. Parte II. *Apud.* BENTO, Maria Aparecida Silva. (Org.) Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo, SP: CEERT. 2012. P. 119-130.

## 8. ANEXOS

### ANEXO A - Poema

#### O nome da gente

Pedro Bandeira

Por que é que eu me chamo isso  
e não me chamo aquilo?  
Por que é que o jacaré  
não se chama crocodilo?  
Eu não gosto  
do meu nome,  
não fui eu  
quem escolheu.  
Eu não sei  
Por que se metem  
com o nome  
que é só meu!  
O nenê  
que vai nascer  
vai chamar  
como o padrinho,  
vai chamar  
como o vovô,  
mas ninguém  
vai perguntar  
o que pensa  
o coitadinho.  
Foi meu pai que decidiu  
que o meu nome fosse aquele  
isso só seria justo  
se eu escolhesse  
o nome dele.  
Quando eu tiver um filho,  
não vou pôr nome nenhum.  
Quando ele for bem grande,  
ele que procure um!

## ANEXO B – Painel

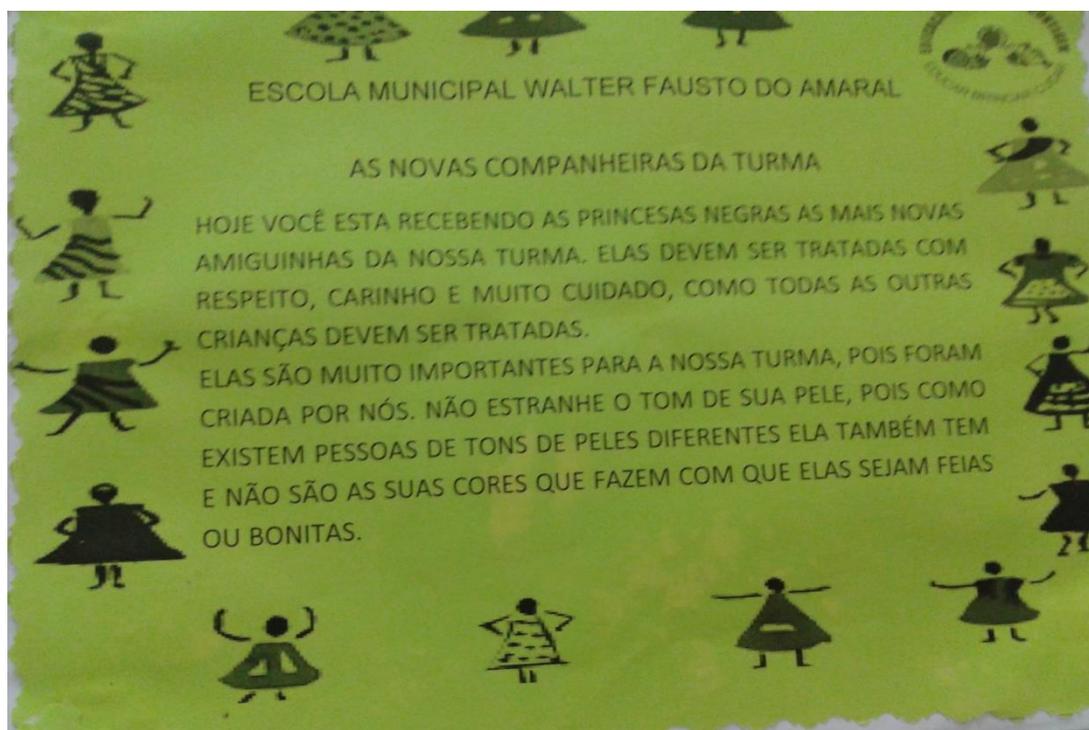


Figura 1 – Apresentação do projeto

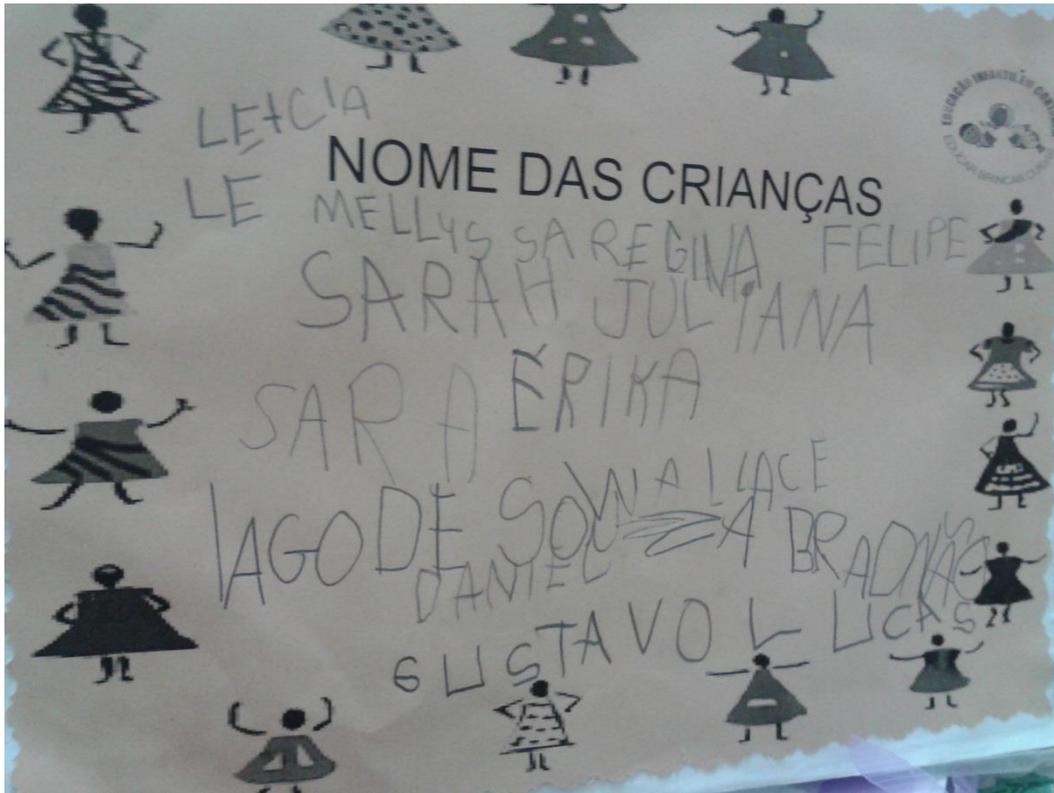
**ANEXO C – Caderno do Projeto: Ser diferente é normal**



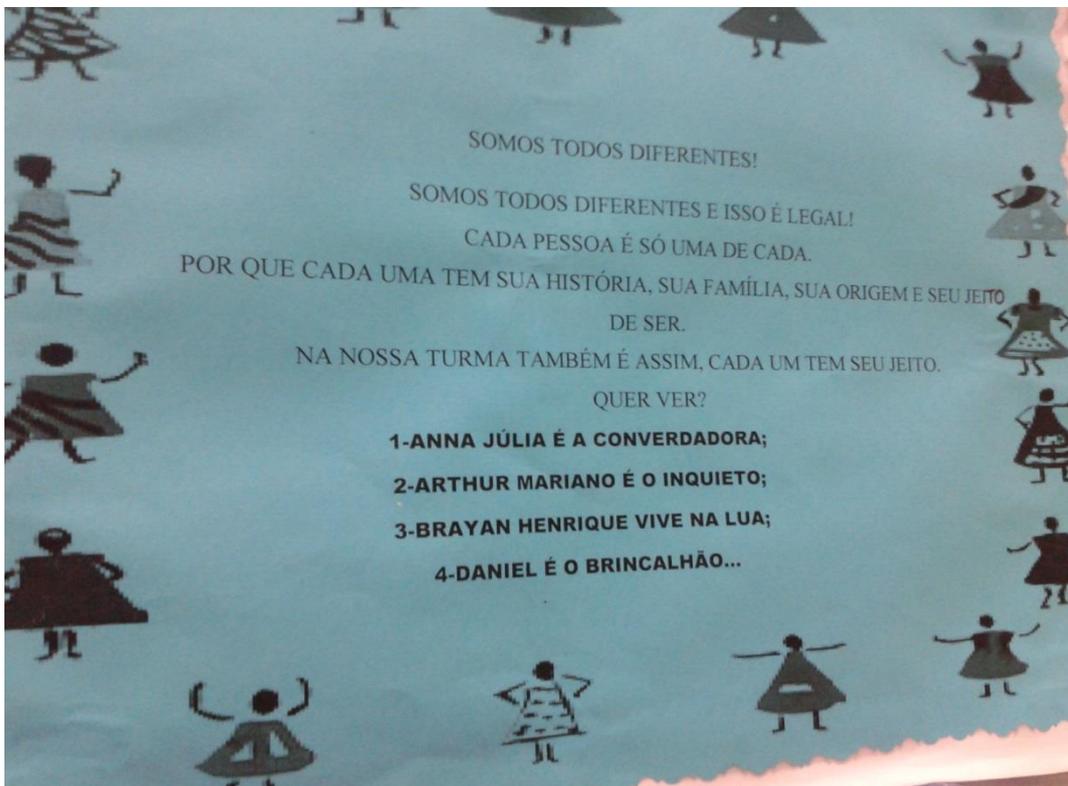
**Figura 2 – Capa do caderno**



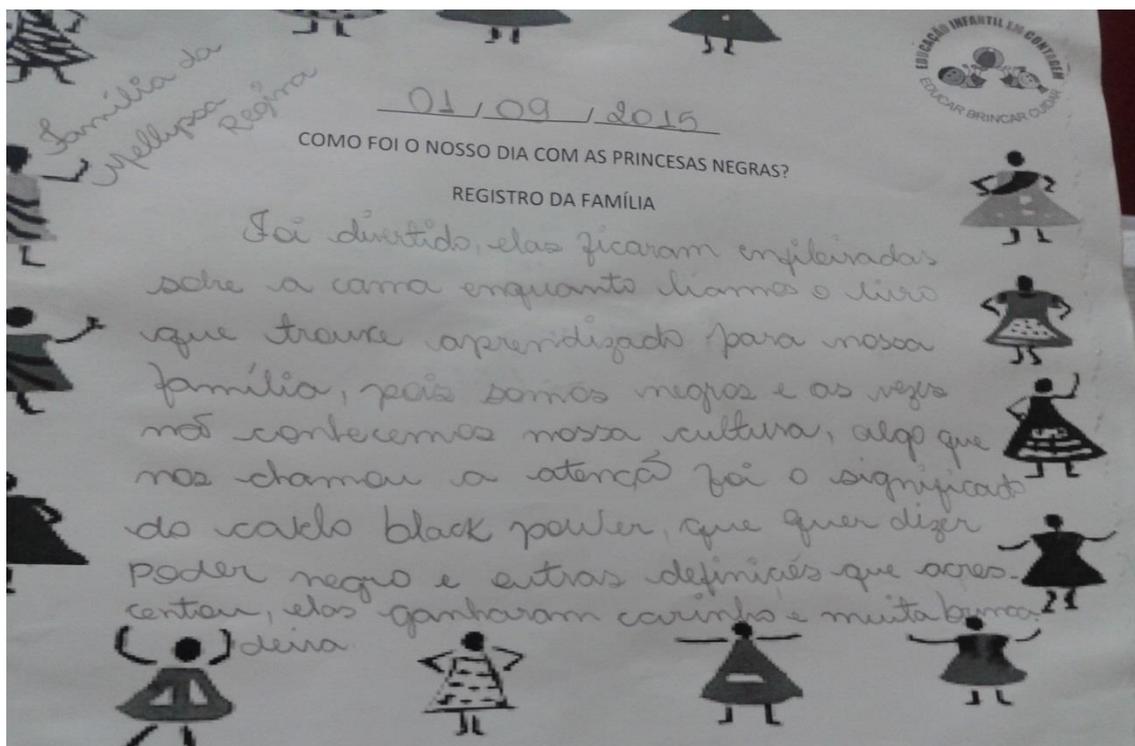
**Figura 3 – Instrução para o dia em que as crianças e famílias estarão com as princesas.**



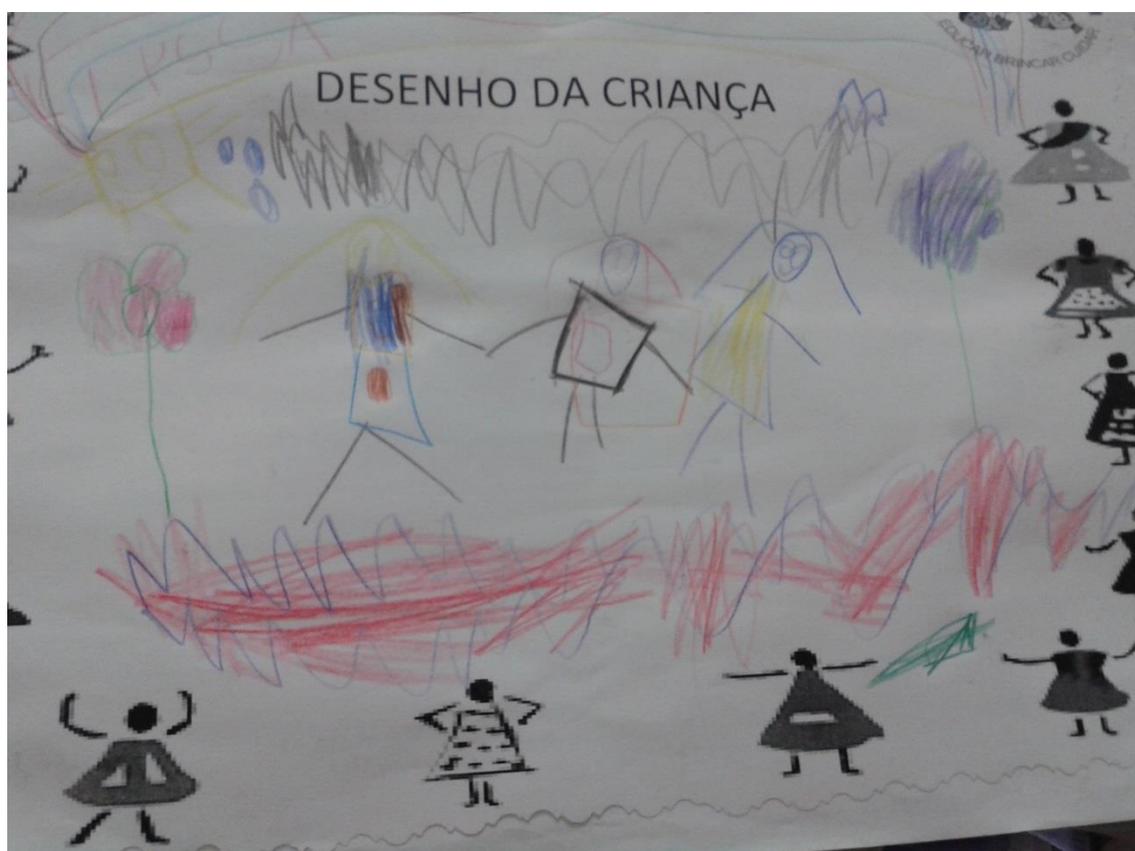
**Figura 4 – Espaço em que cada criança colocou seu nome no caderno**



**Figura 5 – Registro da atividade em que as crianças identificavam características fortes dos colegas**



**Figura 6 – Registro de uma das famílias após a experiência de conviver com as princesas por um dia.**



**Figura 7 – Registro de uma das crianças sobre o dia com as princesas.**

**ANEXO D – As princesas**



**Figura 8 – Arabela, Dandara e Ester**



**Figura 9 – Todos os detalhes foram escolhidos pelas crianças**

## ANEXO E- Mostra Cultural



Figura 10 – Exposição de alguns trabalhos feitos pelas crianças e suas famílias.



**Figura 11 – Alguns bonecos confeccionados pelas famílias para representar as crianças.**